

na centenária do seu NASCIMENTO (1988)

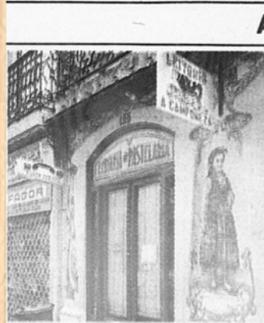
Os passos da morte

itinerário

Seguir os passos do poeta na cidade é seguir o ritmo do seu coração, num itinerário de solidão desfeito pelo tempo. A ausência arrancou rebocos, enferrujou grades, roeu pedras e afugentou tertúlias pondo Bancos no lugar. Lisboa. Só a nostalgia nos devolve Pessoa e Tejo e tudo...

José Amaro Dionísio

ATÉ MESMO visto do Largo de S. Carlos o carrilhão parece tocar a casa. Percebe-se bem que as «dolentes badaladas» dessa torre tenham marcado para sempre os passos do poeta na cidade e o ritmo do seu coração. Ei-lo de olhos muito gravados agarrado ao ferro da varanda, ou de braço estendido na direcção dos sinos ao colo da mãe — seios esplêndidos, mãos íntimas, os cabelos de um castanho-claro que a brisa do Tejo desalinha agitada pelas colunas do teatro. «Pobre velha casa da minha infância perdida / Quem te diria que eu me desacolhecesse tanto! / Que é do teu menino? Está maluco. / Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano? Está maluco.» A aldeia morreu. E o largo um cemitério de automóveis em que a própria PSP inscreveu no chão alcatroado matrículas e cercas de tinta. As paredes do 4.º andar cauí-lhes o reboco, a grade da sacada enferrujou — e o destino da casa continua num impasse entre ameaças de falência do senhorio e promessas de compra da Câmara. O muro contra o qual o «menino da sua mãe» lançava a bola de borracha, pondo o mundo a seus pés, jaz tapado pelos carros. Tudo assim já então fora e talvez Fernando Pessoa, essa totalidade fragmentada, não tivesse sentido o abandono de casa aos cinco anos a caminho de Durban pela mão do padrasto intruso como um trauma irremediável. A mítica partida «pela escadaria espaçosa e clara» permaneceria decerto um dos tormentos centrais da sua errância, mas sem a nostalgia «da música lânguida e triste» que desde então o levará a deslocar tudo para a morte — e sem dar nas vistas, porque é de um corpo trémulo que se trata.



A fotografia do «flagrante delicto»

EXPRESSO REVISTA
4/6/1988



testemunhos

Quem foi Pessoa, afinal? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Dos testemunhos possíveis de quem com ele privou fica um retrato díspar e surpreendente

Divididos na vida e na morte

Fernando Gaspar

Quem foi, finalmente, Fernando Pessoa? Como era na convivência com os outros? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Que traços mais marcantes recordam hoje companheiros mais ou menos chegados de aventuras e desventuras?

Perguntas e intenções

Terá sido o «pelintra», «infeliz e quase desconhecido», bêbado e desamparado que pretendem uns? Ou o «janota», de calça vinçada e sapato a brilhar, que não perdia uma «première»

da e sapato a brilhar, que não perdia uma «première»

EXPRESSO REVISTA
4/6/1988

e alimentava «peneiras de fidalguia», como asseguraram outros? Um «filósofo profundo» que iluminou quem o quis escutar, ou o «gênio inútil» como o rotulam quantos lhe viraram costas? «Ocultista» e «iniciado», ou um «agente secreto» entre monárquicos ao tempo das juntas militares? Gostava realmente de crianças, ou não podia com elas, à semelhança dos cães e gatos que detestava? Frequentava prostíbulos, onde teria as suas eleitas, ou ficava-se por paixões pretensamente platónicas como a que terá alimentado por Ofélia Queiroz? Era «soturno» e «introvertido», «mau conversador», ou, pelo contrário, «afável» e «comunicativo», «bem humorado» até? Homossexual não assumido? Dependente do álcool e da cocaína? Ou prezava a saúde e começava o dia com «ginstica sueca e duches frios» para manter em forma uma «resistência invulgar»?



Bebia? Não bebia? São célebres os «vales à caixa», nos escritórios onde trabalhou como correspondente comercial; as «idas ao Abel» (um armazém de vinhos e bebidas brancas por baixo de um deles); como a dedicatória numa fotografia oferecida a Ofélia Queiroz («Apanhado em flagrante delicto») e a resposta a Luís Moitinho de Almeida, filho de um dos patrões: «Bebo como uma esponja, não. Como uma loja de esponjas, e com armazém anexo!» Unanimidade há apenas em torno do facto de que «nunca ninguém o viu bêbado». Para uns, porém, lá que bebia, bebia, o que lhe terá, de resto, causado a morte precoce; para outros, ao contrário, «não bebia tanto assim, cultivava essa fama, para chocar as pessoas, 'blagueur' como sempre foi»...



Costa Brochado, com Pessoa no «Martinho da Arcada» e hoje na «Sá da Costa»